

Formas de tratamento em PEC em debates eleitorais – observações sobre 29 debates televisivos das legislativas 2022*

Forms of Address in Contemporary European Portuguese on Electoral Debates – Considerations about 29 Television Debates of the 2022 Parliamentary Elections

Marcela Faria 

Centro de Linguística da Universidade do Porto. Porto, Portugal.
E-mail: marcelafsfaria@gmail.com

RESUMO

As FT são, em PE, em termos gerais e por várias razões, “um item de efetiva dificuldade” (Duarte, 2010, p. 133). Especificamente, no que toca ao seu uso num contexto de debate político (eleitoral), são, sobretudo, olhadas sob o ponto de vista da cortesia e das leituras pragmáticas geradas. Com o intuito de contribuirmos tanto para os estudos diacrónicos sobre FT como para as reflexões sobre cortesia no discurso de combate político, atentamos nas formas produzidas em 29 debates das legislativas de 2022. Entendemos que a sincronia e a dimensão do *corpus* permitem uma espécie de ponto de situação do uso das FT no contexto de

Editores-chefes

Marcus Dores
Célia Lopes

Editor convidado

Víctor Lara Bermejo

Recebido: 01/04/2024

Aceito: 27/06/2024

Como citar:

FARIA, M. Formas de tratamento em PEC em debates eleitorais. Revista LaborHistórico, v.10, n.2, e63492, 2024. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v10i2.63492>

* Os nossos agradecimentos ao público presente na comunicação que fizemos no IV Congresso de Formas e Fórmulas de Tratamento no Mundo Hispano-Luso e a dois revisores anónimos da LaborHistórico por, com as críticas e sugestões que deixaram, terem feito com que pudéssemos melhorar o trabalho que aqui apresentamos. Este trabalho teve o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito da atribuição da bolsa 2022.09541.BD.

debate político eleitoral. Quantitativamente, destacamos as ocorrências de sujeito nulo e o uso de fórmulas tipicamente delocutivas (cf. Carreira, 1997) como direção direta ao interlocutor e, simultaneamente, referência delocutiva. Qualitativamente, sublinhamos a ausência, por parte dos moderadores, de produções de formas com títulos académicos (em oposição ao que tradicionalmente sucedia), e destacamos as ocorrências, por parte dos debatentes, de *vocês* e *você* e, com alguma surpresa, de formas do paradigma de 2PS (*tu, ti, teus, tuas*), admitindo que tais produções possam surgir de uma atribuição de menor formalidade à situação, resultado de mudanças sociais (cf. entre outros, Gouveia, 2008; Lara-Bermejo, 2021).

Palavras-chave:

Formas de tratamento. Mudança linguística. Variação linguística. Português europeu contemporâneo. Debates eleitorais.

Abstract

In European Portuguese, Forms of Address (FA) are a complex item (Duarte, 2010, p. 133). More specifically, regarding to their use in politic debates, they are taken from the perspective of politeness and the pragmatics. This study intends to contribute to diachronic studies of FA and to studies of politeness in political debates. Our *corpus* is composed of 29 broadcasted political debates within the framework of 2022 parliamentary elections. We believe its synchrony and dimension can be compared to a state of play. Among the quantitative results of our analysis, we underline the null subject productions and delocutive forms (cf. Carreira, 1997) as direct interpellation of the interlocutor and simultaneous decolouction. Qualitatively, we emphasise, from the moderator's speeches, the absence of academic titles to refer the debaters and the presence of *vocês* and *você*, as well as, surprisingly, some forms of 2PS (*tu, ti, teus, tuas*). We acknowledge these occurrences might be a result of social changes (cf. among others, Gouveia, 2008; Lara-Bermejo, 2021).

Keywords:

Forms of address. Linguistic change. Linguistic variation. Contemporary European Portuguese. Electoral debates.

Introdução

As Formas de Tratamento (FT) são, em Português Europeu (PE), um “tema que tem suscitado o interesse de muitos investigadores”¹(Marques, 2014a, p. 146), porventura por serem “um item de reconhecida dificuldade”, na medida em que “a complexidade do uso das formas de tratamento em português origina múltiplas dificuldades e de diverso teor”, sendo “a maior parte delas de tipo pragmático” (Duarte, 2011, p. 85). Às dificuldades citadas acresce o facto de serem um dos itens nos quais mais se nota não só a variação como a mudança linguística; podendo ser, a primeira, entre outras, resultado de idiossincrasias, de opções pragmaticamente justificáveis e de diferentes situações de comunicação ou fases dentro de determinados contextos comunicativos e, a segunda, entre outras,² resultado de mudanças sociais igualmente inevitáveis.

Sobre a variação no uso de FT resultado de idiossincrasias, como não temos conhecimento de nenhum estudo que siga esta perspetiva,³ é-nos apenas possível ressaltar a relevância de procurarmos nos dados pistas sobre a possibilidade dessa leitura.

No que diz respeito à variação que resulta das opções pragmáticas do locutor em cada momento do debate, limitamo-nos, por questões de exequibilidade, ao objetivo de levantamento e registo das FT sem avançar com uma análise densa sobre cada locutor, interlocutor e moderador em busca de padrões nas FT selecionadas, que, sem dúvida, levaria a leituras pragmáticas importantes na análise do(s) discurso(s).

No que toca à existência de variação nas diferentes situações de comunicação, importa, desde logo, que qualquer estudo tome um contexto comunicativo delimitado (por exemplo, determinados géneros discursivos) para que possam ser feitos comentários sobre a adequação (genericamente aceite) de determinada FT, se o locutor está ou não a cuidar eficazmente das faces (suas e do alocutário (cf. Goffman, 1955; Brown & Levinson, 1978, 1987). Isto é: dada uma situação de comunicação, à qual tradicionalmente se associa um determinado comportamento por parte dos intervenientes, é relevante que olhemos para as produções de FT para percebermos se se enquadram ou se são marcadas, nomeadamente no que à cortesia

¹ Entre outros, podemos referir Bazenga (2021), Biderman (1972), Carreira (1997, 2002, 2004, 2008), Cintra (1972), Cook (1997), Duarte (2010, 2011), Gouveia (2008), Hammermüller (2004), Hummel (2020), Lara-Bermejo (2020, 2021), Manole (2020, 2021), Marques (2014), Nascimento, Mendes e Duarte (2018), Oliveira (1995).

² Isto é, restantes fatores de mudança linguística. Remetemos para (Marquilhas, 2013, p. 17): “Mas apesar da longa tradição que têm os estudos sobre mudança linguística (...), ainda não existe, hoje em dia, uma resposta consensual à pergunta complexa: como e porque é que as línguas mudam?”

³ Medeiros (1993) aborda as FT do ponto de vista cognitivo, procurando um enquadramento geral que depois se concretize idiossincriticamente, mas não apresenta ocorrências específicas dos falantes e consequentes reflexões.

diz respeito. Recordamos que a cortesia associada aos discursos poderá concretizar-se em diferentes realizações linguísticas; entre elas, as FT (vocativo, sujeito e complemento -direto, indireto, oblíquo). Além da relevância do estudo das FT no âmbito dos estudos de Cortesia (remetendo para os *Face Threatening Acts* (FTA) (cf. Brown & Levinson, 1987) e os *Face Flattering Acts* (FFA) (cf. Kerbrat-Orecchioni, 1997) e as várias estratégias de cortesia negativa e positiva), há ainda a importância que assumem pragmaticamente na Análise do Discurso, entrando aí já mais no âmbito das consequências pragmáticas criadas.⁴ Por não ser viável abarcar num só trabalho todas as realidades comunicativas (a menos que se pretenda fazer objetivamente uma síntese das principais características de vários contextos), focamo-nos nas FT produzidas em debates eleitorais.⁵

O objetivo fundamental deste trabalho é apresentar um género de ponto de situação sobre as FT produzidas no contexto em causa. Com esse desígnio, esclarecemos que em 1. apresentamos um breve enquadramento teórico como base de partida para este estudo, em 2. indicamos a metodologia aplicada e em 3. expomos alguns dos dados que recolhemos e avançamos com a respetiva reflexão sobre eles (em 3.1 produções dos moderadores e em 3.2 produções dos intervenientes políticos ou debatentes – 3.2.1 entre debatentes; 3.2.2 dos debatentes em relação aos moderadores). Concluímos com as considerações finais que entendermos possíveis e com as referências bibliográficas usadas.

Enquadramento teórico

Relativamente à cortesia associada aos debates políticos, interessa, desde já, recordar a formalidade tipicamente associada a estes confrontos (cf., entre outros,⁶ González Mélon, 2013, p. 68), que se entendem como “próprios do registo formal da língua” (González Melón, 2013, p. 426), “de alto grau de formalidade e caracterizados

⁴ Por exemplo, se recuarmos a Brown & Gilman (1960), o uso de “tu” entre indivíduos socialmente equiparáveis (digamos dois colegas que desempenham as mesmas funções) pode indicar proximidade sem que se equacione uma classificação como tratamento descortês. Uma mudança na seleção do pronome, ainda que para uma opção tipicamente mais cortês, tem indubitavelmente implicações pragmáticas. Aliás, há um exemplo claro de um caso destes, o exemplo (39b), no qual CM, usando uma FT tipicamente associada a maior cortesia, se pretende distanciar do seu interlocutor, de quem, até ao ataque (entendido como inapropriado e extemporâneo) por ele desferido, se encontrava, pelas FT usadas (formas nominais como “nome próprio + patronímico”), menos distante.

⁵ Dentro dos debates políticos podemos encontrar subgéneros como os debates no âmbito parlamentar (cf. Manole, 2020) e debates de frente a frente, usualmente transmitidos por meios de comunicação de massas (rádio, tv). É sobre os últimos que nos deteremos.

⁶ Por exemplo, Marques (2014b, p. 69): [as entrevistas e os debates televisivos] “são géneros «nobres» (Adam, 1997) que impõem um quadro colaborativo e alguma formalidade nas formas de tratamento, ainda que com diferenças notórias na relação interpessoal estabelecida em cada interação.”

por intervenções limitadas no tempo e controladas em excesso pelo moderador” (González Melón, 2013, p. 433). Não são, assim, esperadas, entre outras, realizações de FT tipicamente associadas a contextos informais, como, por exemplo, o uso de formas de 2PS. Consideramos ainda importante lembrar algumas ideias deixadas por Kerbrat-Orecchioni num artigo de 2014, no qual a autora caracteriza os debates como “guerras metafóricas”. A autora lembra que, embora a cortesia⁷ não tenha tradicionalmente “um lugar nas guerras”, nos debates é “conveniente respeitar” certas regras porque o que fazemos e dizemos está a ser visto por milhares ou milhões de pessoas, potenciais eleitores⁸(cf. Kerbrat-Orecchioni, 2014, p. 47). Ser-se combativo e cortês; é essa, segundo a autora, a posição a adotar-se numa situação deste tipo. O vencedor do debate, dizemos nós, será, para um eleitor genérico⁹, o que conseguir articular mais satisfatoriamente ataques e cortesia,¹⁰ demonstrando a tal capacidade combativa¹¹ ao mesmo tempo que respeita o opositor. Ora, além de muitas outras questões sobre a adequação das produções linguísticas, interessará produzir FT que vão ao encontro do esperado.¹²

Sobre a relação FT e mudança linguística, recordamos, por exemplo, as palavras de Nascimento (2013): “O sistema das formas de tratamento também está sujeito

⁷ Usamos o termo “cortesia”, mas, na tradução do texto de Kerbrat-Orecchioni, que citamos, é usado o termo “polidez”. Sobre as questões terminológicas ver Carreira (2014, p. 27-46).

⁸ Recordamos aqui o que é dito em Marques (2017, p. 15): “A visibilidade da televisão, a que os políticos não se esquivam, bem pelo contrário, tem um papel fundamental; é da mediatização da política que dá conta a afirmação de Mário Soares, ex-líder do PS, ex-primeiro-ministro e ex-presidente da república, no programa O Século do Povo, difundido em 26 novembro 1997: «Os políticos que não passam bem na televisão dificilmente se poderão impor nas democracias modernas.»”

⁹ Com “eleitor genérico” referimo-nos a alguém que esteja genuinamente disposto a ouvir e ver o debate sem pré-juízos partidários que o façam dar alguém como vencedor antes mesmo de o debate acontecer.

¹⁰ Não ignoramos a aceitabilidade idiossincrática sobre os graus de cortesia, ou seja, para determinados eleitorados/eleitores, um candidato deverá mostrar-se mais belicoso do que cortês para que o considerem vencedor (por exemplo nos casos em que se associa a cortesia a falta de assertividade). A consciência do referido faz com que o/a candidato/a assumam preferencialmente determinada postura no debate (recorrendo até a produções consideradas insultos, como, por exemplo: “AV: Ó senhor primeiro-ministro, sabe que não está a ser sério quando diz que uma percentagem não é uma percentagem. AC: Insulto, não! Insulto, não!”).

¹¹ Como refere Marques (2008, p. 281) “A agressividade que caracteriza os debates políticos, sejam debates ‘institucionais’ (parlamentares) ou não (debates políticos televisivos) é dirigida para a *função* desempenhada, para o grupo que representa e não para o indivíduo enquanto pessoa.” E ainda Marques (2017, p. 17): “«vencer» o debate, não é vencer o oponente, o objetivo é, antes, ganhar eleitores (Charaudeau, 2010).”

¹² Para este intuito os locutores usam, além de FT que consideram adequadas às suas pretensões, mecanismos de atenuação linguística (cf. Marques, 2017).

a mudanças históricas. Assim, tal como é possível detetarem-se formas de tratamento claramente marcadas social ou regionalmente, também se detetam formas de tratamento marcadamente geracionais.” (Nascimento, 2013, p. 2702). Numa abordagem teoricamente mais extensa, remetemos para Hummel (2020), no qual se defende que a mudança não é eficazmente explicada segundo uma única teoria e que há vários elementos a ter em conta. Partilhamos da ideia sobre a necessidade de uma abordagem plural, porquanto, como referem variadíssimos autores, este tema é efetivamente poliédrico, não sendo viável – os dados assim vão mostrando – que se tente uma análise unilateral. Das várias abordagens, cremos que este trabalho sobre as FT num contexto de debate político eleitoral impõe que refiramos especialmente o que em Hummel (2020) é apontado como *social determinism*, pelo facto de entendermos que o forte contexto social desta situação de comunicação é um dos fatores mais relevantes na definição das produções de FT que vamos encontrar (o público-alvo deste confronto é a sociedade portuguesa como um todo, isto é, não estamos perante um locutor e um interlocutor, sozinhos, a negociar entre eles os papéis de comunicação, mas, antes, três intervenientes diretos e um número enorme de interlocutores indiretos, que assistem e aos quais é preciso agradar – ou, pelo menos, no momento, não desagradar). Para atingirem os seus objetivos (conquista de votos), os debatentes sabem que devem mover-se dentro de um espectro de produções que seja (genericamente) tido como adequado pela maioria/pelo seu eleitorado, pelo que acreditamos que as FT que produzem espelham a formalidade e o cuidado linguístico que consideram corrente na sociedade portuguesa atual. Esta observação segue em linha com o que é apontado, entre outros,¹³ em Gouveia (2008). Gouveia (2008) refere que as mudanças sociais na sociedade portuguesa desencadearam mudanças na seleção das FT e expõe até um exemplo que, no âmbito deste trabalho, nos é caro, quando refere: “(...) ficarão também para essa história de mudança as interpelações directas de Margarida Marante e de outros jornalistas televisivos a ministros e primeiros-ministros, usando apenas, quer como vocativo, quer como forma de tratamento, o nome e o apelido das pessoas em causa.” (Gouveia, 2008, p. 96).

¹³ Por exemplo em Faraco ([1996] 2017, p. 115): “Embora ainda se mantenha em muitas abordagens diacrônicas um princípio metodológico forte (elaborado pelo pensamento estruturalista) de separação estrita entre a história interna (gramatical) da língua e a história externa (as sempre cambiantes condições socioculturais de sua existência no eixo do tempo), a história das formas de tratamento pode mostrar a fertilidade heurística de abordagens teóricas que relativizam aquele princípio. Relativizar aquele princípio significa (...) e abrir espaço para a exploração das intersecções entre o externo e o interno, aceitando a idéia de que a heterogeneidade social e mudanças nas relações sociais podem determinar alterações na língua. Acreditamos que a história das formas de tratamento em português – tema deste estudo – fornece um exemplo interessante da fertilidade da exploração das intersecções.” ou ainda Lara-Bermejo “(...) todo el territorio peninsular no ha dejado nunca de contagiarse recíprocamente fenómenos lingüísticos, incluso aquellos más enraizados con el concepto de sociedad, como es la cortesía y sus pronombres de tratamiento.” (Lara-Bermejo, 2021, p. 7).

Relativamente às FT, em PE, no que respeita à formulação linguística propriamente dita, recuperamos as classificações em: nominais, verbais e pronominais (cf. Cintra, 1972); alocutivas, delocutivas e elocutivas (cf. Carreira, 1997) e formas associadas a informalidade (T), formalidade (V) e neutralidade (N) (cf. Cook, 1994), deixando de parte outras propostas de análise igualmente consideráveis.¹⁴

Recordamos, em relação às FT nominais, categoria aberta e com várias possibilidades funcionais em PEC, que fórmulas¹⁵ como “(artigo definido +) (senhor/senhora +) título académico + nome próprio + patronímico” ; “artigo definido + título académico + (nome próprio) + patronímico” e “(artigo definido +) senhor/senhora + cargo desempenhado (+ nome próprio) (+ patronímico)” são tradicionalmente produzidas (e produtivas) em contextos de formalidade/alguma formalidade e que fórmulas como “nome próprio + patronímico” e apenas “nome próprio” são tipicamente associadas a menor formalidade.¹⁶ Recordamos também a discussão sobre *o senhor* como pertencente à categoria FT nominal ou FT pronominal (cf. por exemplo, Duarte & Marques, 2023).

Em relação às FT verbais, lembramos que o PE é uma língua de sujeito nulo consistente (cf., entre outros, Nascimento, Mendes & Duarte, 2018, p. 248), podendo estar englobadas nessas FT produções que correspondem a usos não expressos de 2P(S/P) semântica com realização de 3P(S/P) gramatical: *você(s)* bem como de *o/a(s) senhor/a(es/as)*.

Por fim, no que diz respeito às FT pronominais, remetemos para a reflexão sobre a aceitabilidade do uso de *você* (também de *vocês*, mas com graus de aceitabilidade distintos)¹⁷ em PEC em diferentes contextos sociais (de poder *vs* solidariedade; distância *vs* intimidade) e para a discussão sobre *o senhor/a senhora*;¹⁸ para uma reflexão sobre a produção/não produção de FT de 2PS, e, ainda, para uma reflexão sobre a

¹⁴ Por imposição do objetivo que perseguimos neste artigo, não entramos numa discussão sobre os modelos teóricos de análise das FT. Não podendo, todavia, ignorar a importância dessa discussão, remetemos para Manole (2021).

¹⁵ Ver uma reflexão sobre o uso de “fórmulas” e “formas” em, por exemplo, Hammermüller (2020, p. 254). Neste trabalho, usamos o termo “fórmulas” no sentido mais arquetípico. Consideramos, por exemplo, que a fórmula de tratamento “título académico + nome próprio + patronímico” se concretiza na FT “Dr. António Costa”.

¹⁶ Para estas considerações sobre graus de formalidade apoiamo-nos em Carreira (2004) e Lopes (2018).

¹⁷ Sobre a assimetria na aceitação das produções *você* e *vocês*, ver, por exemplo, Carreira (1997, p. 31); sobre a cortesia de *você*, ver, por exemplo, Guilherme & Bermejo (2016).

¹⁸ Como é notado, por exemplo, em Hummel (2020, p. 25): “In European Portuguese, for many speakers *você* is aggressive and pejorative in asymmetrical out-group communication. The corresponding third person verb forms could not convey this pragmatic effect since they also combine with respectful or reverential *o senhor*, *a senhora*.”

produção/não produção de pronomes pessoais retos (ele/ela) ou oblíquos (o/a) em contextos igualmente não informais.

Tomando a divisão apresentada em Carreira (1997), cremos que importa atentar numa eventual disparidade nas FT usadas alocutivamente (tanto em vocativo como em sujeito) e delocutivamente (em relação a indivíduos presentes e também em relação a ausentes mencionados na situação de comunicação) e posteriores leituras pragmáticas que poderão advir dessas diferentes construções (direção clara ou indireta a um interlocutor e respetivo grau de cortesia associado).

A tripartição informalidade-neutralidade-formalidade em Cook (1994) é evocada como contextualização das FT associadas tipicamente a contextos de informalidade (por exemplo, formas de 2PS (*tu, ti, teus, tuas*), produção de “nome próprio” sem recurso a título académico e/ou sem enunciação do patronímico) e de formalidade (por exemplo, recurso a “título académico” / “o(a) senhor(a) + título académico” / “V. Exa.”) e de FT que encerram uma carga neutra na relação entre os interlocutores (nomeadamente as FT verbais). Para essa reflexão, remetemos, entre outras referências nas quais são apontadas observações semelhantes (cf. LOPES 2018, p. 60-69), por exemplo para o quadro “Tratamento allocutif et degré de “familiarité” vs “distance” (singularisation et pluralisation)”, apresentado em Carreira (2004).

É do enquadramento acima recordado que partimos para a observação dos 29 debates de frente a frente das legislativas 2022. Assim, focamo-nos nas FT produzidas pelos três intervenientes (moderador e dois debatentes) em contexto alocutivo ou delocutivo (Carreira, 1994), em cada um dos encontros, classificando-as conforme a categorização FT verbais, FT pronominais e FT nominais (Cintra, 1972) e procurando refletir sobre a variação (diferentes produções de FT dos locutores para os mesmos interlocutores) e a mudança (cotejo com o que tipicamente seria esperado nesta situação comunicativa) que encerram.

Metodologia

A parte prática do estudo concretizou-se com o visionamento de 29 debates televisivos realizados no período anterior às legislativas de 2022 e registo das FT produzidas. Inicialmente consideráramos analisar apenas os áudios, mas rapidamente entendemos que seria mais fiável optar pelo visionamento pelo aumento da probabilidade de percebermos qual era o efetivo alocutário. Ainda assim, verificamos que é, por questões técnicas, de facto, difícil (mesmo com várias repetições) se não impossível, afirmar se um locutor usa o nome próprio do interlocutor alocutivamente ou delocutivamente, estando, neste último caso, a dirigir-se ao moderador (e ao público, por extensão). Por ser inviável apresentar aqui todos os apontamentos de FT que registámos, deixamos apenas alguns exemplos. Para que a exposição fosse mais compreensível, dividimos a análise em duas partes: uma dedicada às produções dos moderadores e outra dedicada às produções dos debatentes. A análise feita em 4. é qualitativa, ainda que deixemos

considerações sobre a frequência (observação genérica resultado de repetidas visualizações do *corpus*) de determinadas ocorrências, dada a sua recorrência no *corpus*. Esclarecemos também que não apresentamos uma análise quantitativa efetiva pelos limites temporais que estipulamos para a concretização do trabalho.

Resultados e Discussão

Antes de expormos os dados, cremos que interessa lembrar que as dinâmicas próprias de cada debate (grau de discordância entre os debatentes, interrupções, esquecimentos, reformulações, sobreposição de falas, etc.) interferem, indubitavelmente, nas ocorrências. Por exemplo, há debates nos quais o uso de vocativos é elevado e outros nos quais essas produções são mínimas. Podemos, com facilidade, perceber que haverá, por exemplo, (não sendo este o único cenário justificativo de um recurso acentuado à produção de vocativos) maior produção de vocativos em debates nos quais os intervenientes sentem a necessidade de chamar a atenção do outro para o que pretendem dizer, ou seja, debates mais interventivos; nestes casos, há, nomeadamente, a repetição do vocativo e não raras vezes uma sobreposição acentuada das vozes. Com certeza que tudo isto poderá (e deverá) ser escrutinado em detalhe, todavia, neste trabalho, que pretendemos que seja essencialmente uma exposição das Formas de Tratamento usadas e conseqüente abertura para a reflexão sobre a variação e mudança que atestam, no âmbito dos debates políticos em contexto eleitoral, tomamos mais em consideração o surgimento de determinada FT do que propriamente o número de vezes em que é usada (ainda que sobre isso também deixemos nota).

Produções dos moderadores

FT Verbais

A produção de sujeitos nulos é muitíssimo abundante, estando presente em todos os debates e sendo concretizada por todos os moderadores. Estes dados provam a grande vitalidade desta construção, tida como de deferência zero. A característica *prodtop* do PEC permite que o locutor não defina foneticamente o sujeito, evitando a especificação de tratamento e economizando na produção linguística (por exemplo nos casos de retoma). Pode suceder que o intuito seja um destes ou ambos¹⁹.

¹⁹ Na sequência de uma observação feita por um dos revisores anónimos, esclarecemos que, de facto, há casos em que poderá parecer mais intuitiva a recuperação do sujeito nulo (sobre o conceito de sujeito nulo, recordamos, por exemplo, Lobo (2013): “sujeitos sem realização fonética – geralmente designados sujeitos nulos nos estudos gramaticais contemporâneos” (...) por exemplo “[...] Fui ao cinema.” Lobo, 2013, p. 2309). Contudo, a existência de muitas ocorrências nas quais a variação nas FT é explícita aliada à referida possibilidade de sujeito nulo em PE fazem com que a produção de determinadas FT verbais (nomeadamente as de terceira pessoa) seja desencadeadora de indefinição quanto ao real sujeito subentendido por detrás da FT verbal utilizada pelo locutor, como apontámos.

1. a) (dirigindo-se a RR)

CS: O senhor (...) admite ou não rever o regime de prisão? *Tem* ou não (...)? (debate RR/CM)

b) (dirigindo-se a JCF)

ROP: João Cotrim Figueiredo, já *tiveram* uma medida (...) sobre o financiamento do Ensino Superior (...). Porque é que *alteraram* essa medida? (debate RT/JCF)

Os exemplos acima retratam casos em que o sujeito nulo surge num contexto de alocação (dirigida ao interlocutor como indivíduo particular (1a) e em representação de um partido (1b)), contudo, esta omissão de sujeito pode também fazer parte de estruturas delocutivas, por exemplo quando se fala sobre outra pessoa e se acrescenta algo dito por ela (desses casos não encontramos ocorrências, cremos que por a atribuição de autoria ser, neste género, estrategicamente preferencial).

FT Nominais

Uso allocutivo

Relativamente às produções de vocativos, destacamos a existência de ocorrências de “nome próprio + patronímico” ((2)), menos formais do que com expressão de título académico –inexistente–, e de ocorrências de apenas “nome próprio” ((3)). Há casos em que ambas as construções surgem no mesmo debate ((4)), até em relação à mesma pessoa.

2. PM: *Jerónimo de Sousa*, porque é que chumbaram este orçamento? (debate AC/JS)

CS: Dou-lhe a palavra a si, *João Oliveira*. (...) (debate RR/JO)

3. JAF: *Francisco*, começo por si. (debate FRS/JCF)

ROP: *Inês*, começo por si. (debate ISR/AV)

4. CS: *Ó20 Francisco*, por favor, (...). Vamos avançar, (...), *Francisco*. (debate AC/FRS)

CS: Deixe-me dar o tempo de resposta a António Costa, *Francisco Rodrigues dos Santos*.

JAF: *Catarina Martins*, começo por si... (debate AC/CM)

JAF: *Catarina*, para concluir... (debate AC/CM)

Quando numa direção a ambos os debatentes, registamos exemplos como (5), embora não se revele uma produção tão presente nas despedidas como a estrutura

²⁰ Caso único de produção da interjeição *Ó* por um moderador.

“(hoje) frente a frente + nome próprio + patronímico” nas introduções. Esta FT nominal surge no remate dos debates ou então caso os debatentes sobreponham as falas.

5. JAF: *Meus senhores*, estamos a chegar ao fim. (debate RR/RT)
 JPM: *Meus senhores*, peço que em cada tempo se oiçam e (...) (debate RT/AV)

Numa perspetiva idiossincrática notamos diferenças nas produções não só consoante o político a que se dirigem como também consoante o momento. Além de que há moderadores que produzem ambas as construções – “nome próprio + patronímico” e apenas “nome próprio” – e moderadores que nunca produzem a menos formal das referidas. Há também a destacar o facto de nenhum moderador referir, por exemplo, *António*, em direção ao candidato que era primeiro-ministro à data, ou *Rui*, em direção ao líder do maior partido da oposição, o que poderá sugerir que o “peso institucional” seja relevante na não produção de uma FT menos formal, embora a justificação possa não passar por aí e prender-se com outros fatores (por exemplo, estar associada a uma maior proximidade social fora do contexto televisivo, a uma maior proximidade etária, a uma maior proximidade ideológica, entre outros fatores que possamos não estar a considerar). O sexo dos debatentes não parece ser relevante para esta questão porque há ocorrências relacionadas com os dois sexos. Não excluímos da equação, pela complexidade do sistema das FT, que possa existir mais do que uma variável a ter em conta, isto é, em certos casos, a produção pode explicar-se pela variável x e noutros casos, outra produção semelhante, mas noutro contexto, pode ser explicada pela variável y . Seria necessária uma análise detalhada (qualitativa e quantitativa) apenas sobre este ponto para que pudéssemos avançar com observações sólidas. Fica, para já, notada a disparidade. Parece-nos também relevante destacar ocorrências como em (6), de produções com “nome próprio + patronímico”, e mesmo com “nome próprio” – menos formal, e construções com *o senhor* pelo mesmo moderador em relação ao mesmo debatente:

6. a) (dirigindo-se a JO)
 CS: Dou-lhe a palavra a si, *João Oliveira*. (debate RR/JO)
 CS: *O senhor* disse que a culpa disto é do PS (...) (debate RR/JO)
 b) (dirigindo-se a FRS)
 CS: *Ó Francisco*, por favor, não faça isso. Vamos avançar, (...) *Francisco*. (debate AC/FRS)
 CS: E *o senhor* quer um choque fiscal, como solução para tudo isto? (debate AC/FRS)

Isto parece-nos poder ir ao encontro da ideia de que *o senhor* está a perder a carga semântica de formalidade que tradicionalmente carregava, estando, agora, mais próximo de um pronome (cf. Duarte e Marques, 2022), pelo que decidimos, na estruturação do trabalho, olhar para estes casos na secção sobre as FT pronominais.

Relativamente a construções que não de vocativo, salientamos que não existem ocorrências sob a fórmula “título académico/profissional + nome próprio + patronímico”, registando-se apenas “nome próprio + patronímico” ((7)), “artigo definido + nome próprio + patronímico” ((8)) e “artigo definido + nome próprio” ((9)), mais informal²¹. Olhamos apenas para exemplos nos quais a direção do moderador é indubitável.

7. (dirigindo-se a RR)

JAF: Como é que olhou para o facto de António Costa no debate que fizemos, em que *Rui Rio* esteve frente a António Costa, como é que olhou (...)? (debate RR/ISR)

8. (dirigindo-se a JO)

CS: *O João Oliveira* sabe tão bem quanto eu que há cerca de (...). (debate RR/JO)

9. (dirigindo-se a ISR)

SP: E porque é que *a Inês* dizia há pouco que há desconfiança (...)? (debate AC/ISR)

Uso delocutivo

A apresentação inicial dos intervenientes foi feita, praticamente na totalidade, com recurso a “nome próprio + patronímico”, seguida ou antecedida da exposição das funções/cargos desempenhados. Vejamos um exemplo em (10):

10. JAF: Esta noite (...), frente a frente, *Catarina Martins*, coordenadora do Bloco de Esquerda, e *António Costa*, secretário-geral do Partido Socialista.

Oposição clara em relação, por exemplo, ao debate entre Mário Soares e Álvaro Cunhal,²² em 1975,²³ no qual um dos moderadores inicia o programa da seguinte

²¹ Sobre a maior informalidade na construção com o artigo definido, ver, por exemplo, Brito, Duarte & Matos (2003, p. 354): “Assim, é mais natural usar o João, a Maria se os referentes destes nomes próprios forem amigos do sujeito enunciador”.

²² Debate disponível em <https://www.rtp.pt/play/p3110/frente-a-frente-mario-soares-alvaro-cunhal> (acesso em 10-10-2022)

²³ Não é só em debates ocorridos no século passado, mas também mais recentemente, por exemplo, em 2011. Refira-se, a título exemplificativo: “Moderador: *Paulo Portas e Francisco Louçã*, hoje frente a frente. Muito boa noite a ambos. (...) *Dr. Paulo Portas*, acabam de ser conhecidos os números do desemprego (...)”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9CgGezHZ-Dco>, e “Moderador: (...) Ditou o sorteio que comece *José Sócrates* e que termine *Francisco Louçã*. Boa noite a ambos. *Engenheiro José Sócrates*, o senhor tem acusado a oposição (...)” <https://www.youtube.com/watch?v=lSx4RkUbwaw>.

forma: “(...) hoje (...) frente a frente *os doutores Mário Soares e Álvaro Cunhal*, respectivamente secretários-gerais do partido socialista e do partido comunista português”. Mais à frente, o outro moderador refere: “(...) e talvez começasse aqui pelo *doutor Mário Soares* – depois espero que o *doutor Álvaro Cunhal* também responda²⁴(...)”. Na atualidade, nenhum dos moderadores produz FT com título acadêmico/profissional dos intervenientes políticos (tanto presentes como ausentes). As produções dos moderadores distribuem-se, maioritariamente, por “nome próprio + patronímico” ((11)), mais formal, e “artigo definido + nome próprio + patronímico” ((12)), menos formal e, residualmente, com recurso a *este senhor* ((13)), em referência ao mesmo indivíduo – AV –, formulação que nos deixa dúvidas quanto às leituras pragmáticas a retirar. Em 13a), sem que seja uma construção de retoma, e em 13b) como retoma da produção “nome próprio + patronímico” precedente.

11. PM: Vou colocar a última pergunta a *António Costa* ... (debate AC/JS)
SP: Ainda esta semana ouvimos *António Costa* falar num ciclo virtuoso. (debate AC/JCF)
12. ROP: Catarina Martins, é o momento para passarmos *ao André Ventura*. (debate CM/AV)
(dirigindo-se a RR)
SP: *O Francisco Rodrigues dos Santos* queria trazer isto para o debate há pouco.
13. a)
(dirigindo-se a JCF)
JAF: Porque é que exclui agora uma solução com *este senhor* e com este partido quando nos Açores foi possível? (debate AV/JCF)
(dirigindo-se a RR)
CS: Há ou não possibilidade de confiança com André Ventura e com o Chega? Coloca ou não em cima da mesa ter uma relação de confiança com

²⁴ “Espero que o doutor Álvaro Cunhal também responda” em oposição a construções menos mitigadas, com que nos deparamos nestes debates de 2022, como, por exemplo, com diferentes moderadores, “CS: E o que lhe peço é que seja claro e que *diga, de forma inequívoca* se o Chega e André Ventura fazem ou não parte da equação. (debate RR/AV)”, “JPM: André Ventura, já lhe dou oportunidade de responder a isto. Primeiro, *quero* que me responda à seguinte questão: o Chega apresenta-se nestas legislativas sob o lema por um novo regime democrático “Deus, Pátria, Família e Trabalho”. Como é que tenciona convencer os portugueses da democraticidade do seu partido quando recupera uma máxima do Estado Novo? (debate AV/RT)”, “JPM: Francisco Rodrigues dos Santos, *quero* olhar para a Educação consigo. (debate FRS/RT)”, “JPM: Mas *vai ter de* responder à minha pergunta, Francisco Rodrigues dos Santos. (debate FRS/AV)” e “JAF: Francisco, e agora *fale-me* do seu plano. (...) *O Francisco* fala em privatizações (...)”. A força deôntica da produção é aumentada, o que não parece coadunar-se com a formalidade tipicamente atribuída ao ambiente comunicativo/discursivo em causa.

este senhor que está à sua frente e com o seu partido? (debate RR/AV)

b) (dirigindo-se a ISR)

JAF: A minha pergunta é: é indiferente que seja António Costa ou *Rui Rio* o primeiro-ministro deste país? (...) A minha pergunta era muito direta: é indiferente ser *este senhor* ou António Costa o primeiro-ministro de Portugal, para o PAN? (debate RR/ISR)

Sob um ponto de vista idiossincrático, notamos, em linha com o que apontamos atrás, que alguns moderadores, em delocução, optam maioritariamente por fórmulas menos informais (por exemplo sem o artigo definido) enquanto outros optam maioritariamente por fórmulas tipicamente menos formais. Por não apresentarmos uma contagem exata— teríamos de considerar, por exemplo, a frequência com que determinado moderador se cruza com determinado debatente —, destacamos essencialmente a existência de variação, estranha ao entendimento tradicional deste género, no qual, tipicamente, se espera uniformidade.

Uso delocutivo/alocutivo

Embora menos recorrentes do que nas produções dos debatentes, pelo facto de ao moderador caber a inquirição direta e a atribuição da palavra, há casos (como por exemplo em (14)) em que não é possível dizer se uma construção que siga a fórmula “artigo definido + nome próprio + patronímico” cumpre um desígnio delocutivo ou alocutivo.

14. (dirigindo-se a AC? / a ISR?)

SP: Há pouco *a Inês Sousa Real* também o referiu, (...). (debate AC/ISR)

FT Pronominais

Uso alocutivo

Tu/Você/O senhor

Não deparamos com produções de 2PS nem de *você* por parte dos moderadores. Em relação a *o senhor*, remetendo para o que referimos acima, apresentamos aqui alguns exemplos:

15. (dirigindo-se a AV)

JAF: *O senhor* defende uma descida do IRC (...) (debate AC/AV)

(dirigindo-se a JO)

CS: *O senhor* disse que a culpa disto é do PS (...) (debate RR/JO)

(dirigindo-se a AV)

CS: O Chega é confiável? *O senhor* é confiável nesse sentido? (debate RR/AV)

Vocês/Os senhores

Parece-nos relevante notar que apenas um moderador expressa a direção simultânea aos debatentes com recurso a *vocês*. Fá-lo em três debates. Vejamos (16).

16. JAF: (...), mas *vocês* já queriam falar sobre isso (...). (debate AC/AV)

JAF: Por isso é que *vocês* têm de dar as *vossas* opiniões (...).

(debate FRS/JCF)

JAF: Já vimos aqui como *vocês* estão divididos. (debate ISR/FRS)

Ainda que seja uma produção pouco representativa (mais pelo facto de surgir apenas como autoria de um moderador do que o número efetivo de vezes de produção, já que *os senhores* também não é frequente nos debates por produção dos moderadores), a sua ocorrência é digna de registo por ser menos tradicional ((17)).

17. CS: *Os senhores*, enquanto deputados, (...) (debate RR/JO)

JPM: Peço que se oiçam (...) – quem perde também são *os senhores* (...)

(debate FRS/AV)

2PP vs. 3PP

A problemática sobre produções conjuntas de 2PP e 3PP não tem grande expressão por a direção simultânea aos dois debatentes não ser recorrente. Deixamos, todavia, duas ocorrências:

18. JAF: Pedia-*vos* que *fossem* breves. (debate RR/ISR)

JAF: Por isso é que *vocês* têm de dar as *vossas* opiniões (...).

(debate FRS/JCF)

Ainda nesta temática sobre formas de 2PP e de 3PP, mas focando nos possessivos, reparemos no exemplo (19), no qual a) poderia até, estruturalmente, ser um exemplo de 2PS em direção a um locutor singular – sabemos, pelo facto de esse uso ser anacrónico²⁵, que não se trata disso, mas simplesmente de se considerar o interlocutor como representante de um partido, logo, plural. Esta pluralidade associada ao interlocutor não está, pelo contrário, presente em produções como em b), nas quais os possessivos *seu* e *sua* remetem para a ideia de presidencialização do discurso²⁶ (cf. Marques 2017).

²⁵ Sobre o anacronismo deste uso de 2PP como direção a interlocutor singular, ver, entre muitos outros, por exemplo, Cintra (1972, p. 29-31).

²⁶ Esta problemática sobre a presidencialização do discurso *vs* a assunção de um interlocutor plural (interlocutor como representante de um partido) também pode ser encontrada nos discursos

19. a) ROP: No *vosso* programa aparece (...). Porquê, Rui Tavares? (debate RT/JCF)
b) (dirigindo-se a RT)
JPM: O que é normal porque está no *seu* programa. (debate FRS/RT)

Destacamos ainda, por curiosidade, uma produção com construção tipicamente delocutiva em lugar de um possível uso, inequivocamente alocutivo, de possessivo (“que é *sua*”):

20. (dirigindo-se a RT)

ROP: E agora vou reutilizar uma expressão que é *do Rui Tavares*: a ambiguidade estratégica do Livre, que concorre com e ao lado do PS? (debate CM/RT)

Construções como esta parecem mostrar como as formulações tipicamente delocutivas podem servir satisfatoriamente as intenções alocutivas dos falantes (com efeitos pragmáticos a estudar – maior formalidade? mitigação da atribuição da autoria/ atenuação de um possível FTA?)

Si, consigo

Cumpre-nos sublinhar a vitalidade de *começo por si* ((21a)), produzida em vários debates, por vários moderadores, além de outros casos de presença de *si*²⁷ ((21b)) e *consigo* ((22a e 22b)) por parte dos moderadores. Em (22c) vemos um exemplo de uma construção com *com o senhor*, em lugar de um também possível *consigo*, produzido por um moderador que noutros momentos já tinha selecionado, em relação ao mesmo debatente, por exemplo, o pronome *si*, ou seja, mais uma vez vemos alguma inconstância no tratamento em relação ao mesmo debatente especificamente com usos tradicionalmente mais formais – *o senhor* – e menos formais²⁸ – pronominalização com *si* e *consigo*.

21. a)

ROP: João Cotrim Figueiredo, vou começar por *si*. (debate CM/JCF)

JPM: André Ventura, começo por *si*. (debate AV/FRS)

- b)

dos debatentes. Como exemplo: “(dirigindo-se a CM) FRS: O *seu* programa não tem uma única palavra para a melhoria das condições para empresários.”

²⁷ Há um caso particular – “CS: Eu começaria por *si* porque tem aqui à frente de *si* um homem de um partido que tem vindo, aparentemente, a cativar muito eleitorado. (debate RR/JCF)” – a produção *à frente de si* parece-nos de gramaticalidade duvidosa por entendermos que a estrutura mais aceite seria *em frente a si* ou *à sua frente*.

²⁸ Pronomes *si* e *consigo* menos formais por fazerem parte do paradigma do pronome pessoal reto *você* (cf. por exemplo, Brito, Duarte & Matos (2003, p. 813) e Raposo (2013, p. 892-902))”

(dirigindo-se a AC)

PM: (...) e pergunto-lhe se para *si* a geringonça já morreu de vez (...)
(debate AC/JS)

CS: Hoje ficou claro para *si*, Catarina Martins? (debate RR/CM)

22. a) (dirigindo-se a FRS)

JPM: Francisco Rodrigues dos Santos, quero olhar para a Educação *consigo*. (debate FRS/RT)

b) (dirigindo-se a AV)

JAF: Uma vez que comecei *consigo*, vai terminar o João.
(debate AV/JCF)

c) (dirigindo-se a RR)

JAF: Para um partido como o PAN, que tanto pode aliar-se com *o senhor*, se for primeiro-ministro, como com António Costa, pergunto-lhe (...)
(debate RR/ISR)

Uso delocutivo

Ele/Ela; -o/-a

Relativamente à pronominalização com recurso, por um lado, a “ele/ela” ((23)) – tradicionalmente inesperada neste género, possivelmente com substituição, por exemplo, por “nome próprio + patronímico” – e, por outro lado, a “-o/-a” ((24)), ambas mais informais do que a retoma com FT nominal, registamos os exemplos

23. (dirigindo-se a AV)

CS: Sediz que *ele* é o garçon do PS, que *ele*, na verdade, o que quer (...)
(debate RR/AV)
(dirigindo-se a JCF)

JAF: Mas tenho que lhe fazer a mesma pergunta que fiz *a ele*, ou seja, (...).
(debate FRS/JCF)

24. JPM: André Ventura, por favor, deixe-o concluir. (debate FRS/AV)

Esta última ocorrência ((24)) em oposição a, por exemplo:

25. ROP: Rui Tavares, deixe só *a Catarina Martins* concluir esta ideia. (debate CM/RT)

Em (25), embora a formalidade não seja acentuada, pois temos o artigo definido antes de “nome próprio + patronímico”, parece-nos que se recupera alguma deferência para com o referido, que se perderia com o uso da pronominalização *deixe-a concluir* ou *deixe que ela conclua*.

Produções dos debatentes

Produções dos debatentes em relação aos debatentes

FT Verbais

Reafirmamos que estas produções são, efetivamente, numerosas, podendo ser concretizadas pelas razões atrás avançadas: economia linguística (por exemplo nos casos em que até foi produzida uma determinada FT, mas se opta por retomar através de omissão do sujeito e não de repetição) e/ou evitamento de produção de uma FT com grau de cortesia possivelmente problemático.²⁹ Vejamos:

26. (dirigindo-se a ISR)

JCF: Mas há vários países que têm isso, como *sabe*. (debate FRS/ISR)
(dirigindo-se a AC)

JS: Porque é que não *avançaram*?

Veremos, mais à frente, a expressão do pronome pessoal de 2PS, todavia, notamos, desde já, a existência de construções de sujeito nulo desse paradigma; produções características de informalidade e presentes em produções de dois debatentes³⁰ em relação a diferentes interlocutores:

27. (dirigindo-se a ISR)

JCF: Estou de acordo. Vamos mudar o IRS. *Ajudas* a mudar o IRS?
(dirigindo-se FRS)

JCF: Vou falar em “Direita tradicional”, acho que não *levarás* a mal.
(dirigindo-se a JCF)

AV: Também acho, *João*, muito baixo *falares* sobre isso (...)

(dirigindo-se a FRS)

AV: Ah, agora já não *queres* falar de futebol. Mas *estiveste* na direção ou não?

²⁹ Recordamos o que é dito em Braun (1988, p. 80): “But even native speakers sometimes feel uncertain which variant to select in a given dyad. In this case, \emptyset is always a handy solution.”

³⁰ Numa produção de um dos debatentes, curiosamente em relação ao outro que também seleciona a 2PS, há uma reformulação do dito: “(dirigindo-se a AV) JCF: Então *diz* lá... *diga* lá os números.” Esta reformulação é interessante porque JCF, ao contrário do que faz em relação a outros opositores (nomeadamente a FRS e ISR), não produz formas de 2PS em direção a AV (com exceção de um “como sabes...”, aparte a que não é dado seguimento na 2PS), o que pragmaticamente poderá indicar uma vontade de distanciamento mais declarado em relação a AV.

FT Nominais

Uso alocutivo

Começamos a exposição de algumas das ocorrências de vocativos pelo caso mais curioso de todos os debates, no qual as FT são, de certa maneira, evocadas:

28. (dirigindo-se a RT)

AC: *Rui...Senhor Professor...* Vamos lá ver o seguinte.

(dirigindo-se a AC)

RT: (risos) Não é preciso usarmos os títulos. Nunca os usamos entre nós (...)

Ora, este exemplo é bem elucidativo da consciência da força pragmática das diferentes seleções linguísticas, nomeadamente, aqui, para um incremento das noções de respeito e deferência perante o opositor, que, neste caso, acaba por denunciar a proximidade social que existe entre ambos fora da situação de comunicação. Aliás, não é de somenos notar que a formulação *Senhor Professor*, de deferência, é proferida como autocorreção imediata da informal *Rui*, ou seja, o locutor está a tentar reinstaurar alguma formalidade num momento em que, talvez resultado de descontração ou desconcentração, usou uma FT marcada. Anteriormente, logo no início, AC já recorrera à expressão da profissão/título académico do seu opositor; contudo, durante a situação de comunicação, usou fórmulas de tratamento diversas: possivelmente alocutivas (com formalidade menor, tendo em conta a expressão do artigo definido) e tipicamente delocutivas (estas com mais formalidade pela inexpressão do artigo definido), além de ter também proferido um *Ó Rui Tavares*, caracteristicamente mais informal. Maioritariamente as produções em posição de vocativo³¹ são concretizadas segundo as fórmulas “nome próprio + patronímico” (exemplos em (29)) e “nome próprio” (exemplos em (30)). Há, contudo, outras ocorrências, mais pontuais, como, por exemplo “título académico + nome próprio + patronímico” (exemplo em (31)).

29. (dirigindo-se a AV)

JCF: A estratégia falhou, *André Ventura*.

(dirigindo-se a CM)

AV: *Ó Catarina Martins*, sabe bem que não vai ser a terceira força política.

30. (dirigindo-se a AV)

ISR: *André*, eu ouvi-o atentamente.

(dirigindo-se a JCF)

RT: *João*, para ser franco, tem uma fé (...)

³¹ Em vocativo surge várias vezes a interjeição “ó”, característica de contextos menos formais.

31. (dirigindo-se a RR)

ISR: *Dr. Rui Rio*, o dinheiro existe.

Algumas ocorrências mostram a inconstância diante do mesmo interlocutor:

32. (dirigindo-se a RR)

AV: Não é verdade... Regime democrático, *Rui Rio*.

AV: No dia 31, *Dr. Rui Rio*, se quiser conversar comigo (...)

(dirigindo-se a CM)

JCF: Basta ter as políticas da Dinamarca, *ó Catarina*.

JCF: Não leu bem, *Catarina*.³²

JCF: Sempre defendemos, *Catarina Martins*, *faça* essa justiça. (...)

Notamos também que o locutor que à data desempenhava as funções de primeiro-ministro opta várias vezes pela seleção “senhor(a) deputado(a)” (não só em vocativo senão em posição de sujeito).

33. (dirigindo-se a JCF)

AC: Mas, *senhor deputado*, não vamos confundir as coisas.

(dirigindo-se a ISR)

AC: *Ó senhora deputada*, a senhora deputada no outro dia no debate com (...)

Em posição de sujeito, há alocutivamente ocorrências de produções estruturalmente delocutivas: “(artigo definido +) título académico + nome próprio + patronímico” ((34)), “(artigo definido +) nome próprio + patronímico” ((35)) e “nome próprio” ((36)).

34. (dirigindo-se a RR)

JO: *O Dr. Rui Rio* como caricaturista não tem um traço muito fino.

(dirigindo-se a RR)

ISR: *O Dr. Rui Rio* concordará certamente comigo...

35. (dirigindo-se a AV)

FRS: *O André Ventura* sabe que muitas associações que recebem estas pessoas são católicas e pertencem à Igreja?

(dirigindo-se a RR)

JCF: E falta até, permita que lhe diga, a coragem que *o Rui Rio* já exibiu (...)

³² Notamos aqui a curiosidade do uso de apenas “nome próprio” como vocativo quando noutra momento do debate o locutor em questão – JCF – produz a construção “Como é que vai subir o salário médio, se não se importa que lhe pergunte?”, com mitigação clara do ato diretivo.

36. (dirigindo-se a JCF)

RT: *O João* dizia no outro dia que prioridades estratégicas são desculpas (...)

(dirigindo-se a ISR)

CM: Queria lembrar *a Inês* que a carreira de técnico auxiliar de saúde (...)

AV: *O Rui* defende – e não vai mentir também – a livre circulação (...).

Uso delocutivo

Relativamente à produção de FT delocutivas, estas podem surgir em referência ao opositor presente (37) bem como a opositores que não estejam no local, como vemos em (38).

37. a)

(dirigindo-se a CS)

AV: Nós não estamos aqui para ser muletas *do Dr. Rui Rio* nem de nenhum outro doutor. (debate RR/AV)

(dirigindo-se a CS)

RR: *O Dr. André Ventura* diz que o PSD no parlamento votou (...)

(debate RR/AV)

(dirigindo-se a CS)

JO: As palavras acabaram de ser ditas pelo *Dr. Rui Rio*. (debate RR/JO)

b)

(dirigindo-se a JAF)

CM: (...) registo apenas que *o Dr. Rodrigues dos Santos*, depois de debates e debates a usar o Bloco de Esquerda (...) não levantou nenhuma dessas questões, aproveitou agora o minuto final... é uma tática à *André Ventura*. (debate CM/FRS)

38. (dirigindo-se a ambos)

AC: (...) entre mim e *o Dr. Rui Rio*. (...) Com um governo *do Dr. Rui Rio* (...) (debate AC/RT)(dirigindo-se a CS)

RR: (...) Mas também ficou claro que *o Dr. André Ventura* o que defende não é (...)

As produções dos locutores são essencialmente de “título académico + nome próprio + patronímico” (exemplos em 37 e 38)), “nome próprio + patronímico” ((39)), “artigo definido + nome próprio + patronímico” ((40)) e “nome próprio” ((41)).

39. (dirigindo-se a ROP)

AV: Nós ontem vimos *António Costa* basicamente a dizer que não conta

com mais ninguém senão com a minha adversária hoje aqui, *Inês Sousa Real*. (debate ISR/AV)

(dirigindo-se a ROP)

CM: *André Ventura* é um condenado com trânsito em julgado por racismo. (debate CM/AV)

40. (dirigindo-se a JPM)

AV: Já agora, *o Rui Tavares* não devia estar aqui. (debate AV/RT)

(dirigindo-se a JAF)

RR: *A Inês Sousa Real* diz “Bloco central, bloco central” (...)

(debate RR/ISR)

(dirigindo-se a AV)

RT: Já fez este truque com *a Catarina Martins* e com *o Rui Rio*, que é gastar o tempo dos outros.

41. (dirigindo-se a ROP)

JCF: Os países que *a Catarina* gosta de citar neste contexto (...) (debate CM/JCF)

Notamos, mais uma vez, não só variação na seleção das FT em direção a interlocutores diferentes como também em direção ao mesmo interlocutor em diferentes momentos:

42. (dirigindo-se a SP)

RR: Eu não tenho nada contra *o Francisco*.

RR: Não tenho qualquer problema em me entender com *o Francisco Rodrigues dos Santos*. (dirigindo-se a CS)

RR: Acho isto fundamental porque *o Dr. António Costa* anda a dizer (...).

(dirigindo-se a ambos)

RR: Que um voto na IL não ponha *António Costa* a primeiro-ministro.

Não poderíamos deixar de também ressaltar um trecho ((43)) que nos parece muito interessante por conter FT bem diversas e que geram, por isso mesmo, leituras pragmáticas relevantes. Num excerto dirigido a CS, com claro tratamento delocutivo, AV produz *o Dr. Rui Rio, o Rui Rio, um homem e este homem*, numa sequência decrescente de formalidade e deferência que, pragmaticamente, parece sugerir-nos a diminuição progressiva do seu opositor.

43. (dirigindo-se a CS)

AV: *O Dr. Rui Rio* diz “é a pandemia, temos de cooperar com o governo”. Sim, mas vou dar aqui um exemplo que *o Rui Rio* sabe bem: aprovaram novas

regras para a contratação pública, reduzindo a transparência e afastando vistos do Tribunal de Contas, permitindo mais corrupção, mais clientelismo. E *o Dr. Rui Rio* vai dizer outra vez é a pandemia, é o interesse nacional. Na verdade, eu estou aqui à minha frente com *um homem* que não é a questão da pandemia; *este homem* não quer ser líder da oposição, quer ser vice-primeiro-ministro de António Costa.

Notamos também uma alteração curiosa de “título académico + nome próprio + patronímico” para “cargo desempenhado + nome próprio + patronímico” por parte de um locutor, enquanto produz, em relação a outro opositor, que não está presente, a fórmula “título académico + nome próprio + patronímico”:

44. (dirigindo-se a JAF)

AC: Já vimos ontem que *o Dr. André Ventura, o senhor deputado André Ventura*, que é bem-falante, já conseguiu até convencer *o Dr. Rui Rio* que a prisão perpétua não é bem prisão perpétua.

Há também casos em que a forma de tratamento *senhor primeiro-ministro* é usada em direção ao interlocutor que à data ocupa esse cargo, embora seja, por um dos locutores que a produz, corrigida (mais uma vez as FT são, em certa medida, evocadas):

45. (dirigindo-se a AC)

AV: Como *o senhor primeiro-ministro* sabe, vacinar é uma questão pessoal (...)

(dirigindo-se inicialmente a SP e depois, com o aparte, dirigindo-se a AC)

JCF: *O primeiro-ministro...* aliás, desculpe, *o António Costa* – está aqui na qualidade de secretário-geral do partido socialista – *o António Costa* tem dito (...)

A correção por parte de um locutor e a recursividade na utilização dessa forma por parte de outros pode indiciar, em nosso entender, o propósito estratégico de se recordar constantemente o papel desempenhado por AC. Também poderá, contudo, ser resultado do hábito de interpelação noutros cenários, nomeadamente na AR, embora um dos locutores que produzem *senhor primeiro-ministro* não tenha assento nessa câmara de representantes. As ocorrências com *senhor(a) deputado(a)*, de que (46) é exemplo, são registadas na mesma linha de raciocínio:

46. (dirigindo-se a SP)

AC: Como disse *a senhora deputada*, foi um dos pontos em que não chegamos a acordo. (debate AC/ISR)

Há também algumas ocorrências de tratamento por *este(a) senhor(a)* ((47)), que, cremos nós, não se assumem simplesmente como a forma delocutiva de *o(a) os(as) senhor(a/es/as)*, já que, pragmaticamente, parecem sugerir um distanciamento diferente daquele que é dado no formato alocutivo.

47. (dirigindo-se a ROP)

AV: (...) O Chega apresentou – é importante que as pessoas saibam isto senão ouvem as mentiras *desta senhora* de manhã à noite e acreditam que é verdade (...)

(dirigindo-se a JPM)

AV: *Este senhor* defende isto e as pessoas não sabem. (debate AV/RT)

(dirigindo-se a JPM)

RT: Olhe, eu vou fazer um apelo à moderação e à produção: quando *este senhor* estiver a interromper descontem no tempo dele. (debate AV/RT)

(dirigindo-se a JPM)

AV: O Chega quer ser governo, mas quer sobretudo desmascarar o que *estes senhores* querem fazer. (debate AV/RT)

Uso delocutivo/alocutivo

Como apontámos acima, há vários casos em que não se percebe claramente se a produção do locutor é feita em direção ao seu opositor, se ao moderador (e por extensão ao público):

48. a) (dirigindo-se a RR?/ a CS?)

JO: Eu acho que *o Dr. Rui Rio* já disse a frase do debate.

b) (dirigindo-se a JAF?/ a AV?)

JCF: *O André Ventura* fez-me lembrar a Catarina Martins: custe o que custar...

c)

(dirigindo-se a ROP? a ISR?)

RT: Há pouco *a Inês* dizia que o PAN tem liderado e tem sido precursor (...)

(dirigindo-se a JAF?/ a AV?)

JCF: Eu já nem me lembro de tudo o que *o André* para aqui disse.

d)

(dirigindo-se a ISR? a SP?)

AC: Queria começar por saudar *a senhora deputada Inês Sousa Real*.

(dirigindo-se a JCF? / a SP?)

AC: Quero saudar *o senhor deputado João Cotrim Figueiredo* por finalmente (...)

e) (dirigindo-se a JAF?/ a AC?)

CM: Foi graças a esse acordo que *António Costa* foi primeiro-ministro. (...) *António Costa* recusou e tem vindo desde aí em recusas (...). (...) Aqui sim, o *Dr. António Costa* teve uma posição numa altura e depois teve outra. (...) Na altura, *António Costa*, no seu comentário, dizia que dificilmente teria viabilizado aquela legislação. (...) Nós não mudámos de opinião e o que propusemos a *António Costa* foi (...). (...) O partido socialista e o *governo de António Costa* contaram sempre (...). (...) É isso que debatemos, que debate com *António Costa*.

Tal como noutros casos, notamos a variação num mesmo debate:

49. (dirigindo-se a AC? a CS?)

FRS: Eu pergunto ao *Dr. António Costa* se essa questão de liberdade (...)

FRS: *António Costa* diz que palavra dada é palavra honrada e neste caso não foi.

(dirigindo-se a ROP?/ a ISR?)

JCF: Eu acho que a intervenção inicial da *Inês* mostra (...)

JCF: Dou aqui três exemplos que a *Inês Sousa Real* certamente perceberá (...)

(dirigindo-se a CS? / a CM?)

RR: Na outra campanha a *Dra. Catarina Martins* disse que era social-democrata (...)

RR: A *Catarina Martins* diz um negócio no mau sentido do termo; eu digo (...)

Se, por um lado, estas produções sem direção única definida podem resultar de uma intenção de expressar uma ideia de narrativa verosímil, por outro, fazem com que o locutor, evitando dirigir-se indubitavelmente ao seu debatente, se salvasse, quando em ataque ou argumentação acesa, da ferocidade do ataque direto, ou seja, os ataques que o locutor possa fazer ao seu opositor e aos seus argumentos são, assim, de certa maneira, mediados, já que não os desfere diretamente, como, por exemplo, em caso de perguntas, como vemos em (50), propostas (pedidos) de entendimentos ((51)).

50. (dirigindo-se a AC? a CS?)

FRS: Eu pergunto ao *Dr. António Costa* se essa questão de liberdade (...) é ou não para cumprir?

51. (dirigindo-se a AC? / a JAF?)

RT: E daqui lanço um desafio a *António Costa* (...). Se *António Costa* me disser aqui que vale a pena pensar nisto, acho que já ganhamos todos (...). (debate AC/RT)

Além das produções ambíguas no que diz respeito à direção dos discursos, notamos também – em vários casos, de que aqui deixamos dois exemplos ((52)) – de uma intermitência na direção numa mesma intervenção: o locutor ora se dirige claramente ao opositor, ora se dirige claramente ao moderador, ora produz formulações ambíguas quanto ao destinatário do discurso. Esta mescla parece-nos contribuir para a informalidade do discurso, uma vez que tradicionalmente associamos a formalidade, entre outras características, à manutenção de um determinado interlocutor numa dada intervenção.

52. (dirigindo-se a FRS e posteriormente a JPM)

AV: *Você* é o líder menos legitimado destas eleições, com uma agravante: é que o mandato *do Francisco Rodrigues dos Santos* termina antes das eleições. (dirigindo-se a JPM e depois a AV?)

FRS: Em primeiro lugar, quero dizer uma coisa olhos nos olhos *ao André Ventura*: é que *o André Ventura* não é, de todo, da minha Direita. (...)

Importa considerar que para a inconstância possa ter contribuído o limite temporal dos encontros (25 minutos), isto é, que a própria estrutura temporal do debate desencadeie a entropia notada, que é, tipicamente, inadequada em contextos menos informais.

FT Pronominais

Uso alocutivo

Tu/Você/O senhor

Apresentamos aqui alguns exemplos de ocorrências nas quais pronominalmente está expressa a 2PS ((53)), a FT *você* ((54)) e *o senhor* ((55)), em linha com o que foi referido atrás. As formas de 2PS especialmente marcadas neste cenário e a forma *você* de aceitabilidade duvidosa.

53. (dirigindo-se a JCF)

AV: *João*, mas tenho uma má notícia para *ti*: há crimes onde as penas funcionam.

AV: Mas já agora, *João*, eu gostava que *tu* explicasses aqui hoje.

54. (dirigindo-se a AV)

RT: Nós tivemos o mesmo professor: *você* em direito e eu em história.

(dirigindo-se a AV)

FRS: *Você* é um fanático (...), *você* é um cata-vento político.

55. (dirigindo-se a RT)

AV: Hoje passam a saber porque foi isso que *o senhor* lhes apresentou.

(dirigindo-se a AV)

AC: *O senhor* elegeu-me como seu inimigo número um (...)

Comigo *o senhor* não passa.

Vocês/Os senhores

O uso de *vocês* ou *os senhores* como alocação plural surge em ocorrências como as que listamos abaixo. Importa notar, desde já, a maior frequência de *vocês*, independentemente do interlocutor em causa, do que de *os senhores*. *Vocês* é produzida por vários debatentes ((56)), incluindo por um que também produz *os senhores*, vejamos a sequência em (57b)).³³

56. (dirigindo-se a AC)

JS: Sei naturalmente que *vocês* resistiram até poder...

(dirigindo-se a FRS)

AC: Nós, a quem está isento, retribuímos [...]; *vocês* não.

(dirigindo-se a CM)

FRS: *Vocês* aumentam impostos sobre o rendimento, sobre as heranças...

57. a) (dirigindo-se a RT)

RR: E depois uma outra questão que têm que é o Rendimento Básico Incondicional, que é uma outra prestação que *os senhores* defendem.

b)

RR: *Vocês* têm no programa a saída do Euro. (...) *Vocês* querem sair do Euro (...)

JO: *Os senhores* votaram contra a redução do passe dos transportes.

RR: E *os senhores* votaram contra a redução do IVA da eletricidade.

2PP vs. 3PP

Não há propriamente ocorrências que nos permitam falar numa oposição e/ou mescla de produções de 2PP/3PP, antes o registo de produções de *convosco* em lugar de um possível *com vocês* ((58)) e de casos de possessivos na 3PS vs 3PP, consoante a intenção de individualizar ou não o interlocutor presente (59).

58. (dirigindo-se a ISR e ROP)

JCF: É um gosto estar aqui *convosco*.

³³ Inicialmente o locutor produz *vocês*, mas depois, na réplica à intervenção do opositor, “segue” a produção do seu interlocutor e seleciona *os senhores*.

59. (dirigindo-se a RT)

JCF: Não vejo uma proposta de baixa de IRS no *vosso* programa.

(dirigindo-se a AC)

AV: Senhor primeiro-ministro, só no ano passado 400 mil portugueses foram enviados da classe média para a pobreza. É o *seu* legado. O *seu* legado são 400 mil novos pobres.

Si, consigo

A produção de *si*, em lugar de um tipicamente delocutivo “artigo definido + nome próprio + patronímico” permite que se perceba que o locutor se dirige ao opositor e não ao moderador (desfaz-se a dúvida alocação/delocução), sendo, por isso, mais direto (mais potenciador de um FTA), como, por exemplo em (60).

60. (dirigindo-se a AV)

FRS: Eu quero dizer *ao André Ventura* que eu não aceito lições *de si* nem do seu partido (...)

(dirigindo-se a RT)

AV: Estou perante *si*, não estou perante mais ninguém.

(debate AV/RT)

(dirigindo-se a RT)

FRS: Eu estou a olhar para *si* e olhei para o programa e estava a ver a Joacine Katar Moreira.

A produção de *consigo* (exemplos em (61)) parece ser preferida a “com + artigo definido + nome próprio + patronímico”, o que nos faz ponderar sobre uma maior aceitação das FT tipicamente delocutivas em posição de sujeito do que em posição de complemento, de certa forma – não pela mesma hipótese (em posição de complemento, não acionamento de concordância num sistema com flexão distinta para cada pessoa) apontada em Aguiar & Paiva (2017) – em linha com a ideia de maior aceitação de mudança nas formas de sujeito em casos como, por exemplo, de produção do paradigma 2PP/3PP.

61. (dirigindo-se a AC)

AV: Ao contrário de outros seus opositores, que brincam *consigo*, eu não; eu tenho factos.

(dirigindo-se a CM)

FRS: É a primeira vez que estou a debater *consigo*, sabe isso.

Uso delocutivo

Ele/Ela; -o/-a

No que diz respeito às pronominalizações feitas delocutivamente sobre os adversários, registamos, com alguma surpresa, dada a formalidade típica do género em causa, construções com *ele* e *ela* ((62)), que entendemos terem resultado de retomas anafóricas pragmaticamente mais espontâneas. Embora também nos tenhamos deparado com construções mais formais (63).

62. (dirigindo-se a JAF)

RT: E se há alguma coisa de constante na trajetória de *Rui Rio* é que desde sempre *ele* quis uma revisão constitucional. (debate RR/RT)

(dirigindo-se a JAF)

FRS: E sabe qual é a solução que *ela* defende? (debate FRS/ISR)

(dirigindo-se a ROP)

AV: O que é importante é tirar António Costa do poder. E ainda hoje *ele*, no debate (...)

63. (dirigindo-se a AV)

AC: O senhor deputado no debate com *o Dr. Rui Rio* confrontou *o Dr. Rui Rio* (...)

Produções dos debatentes em relação aos moderadores

FT Verbais

Neste caso específico, as produções de sujeito nulo são concretizadas essencialmente em pedidos de intervenção, de conclusão de uma ideia. Por exemplo, como vemos em (64):

64. (dirigindo-se a SP)

JCF: *Deixe-me* só dizer isto, Sara. (debate AC/FRS)

(dirigindo-se a JPM)

FRS: João, *permita-me* apenas fazer um sublinhado (...) (debate FRS/RT)

Não obstante serem produtivas, são menos numerosas do que as produções dos moderadores em relação aos debatentes e entre os próprios debatentes, pelas características comunicativas deste género (necessidade de produção argumentativa própria e rebate das ideias do oponente).

FT Nominais

Uso alocutivo

No que se refere às produções de vocativos, registamos, essencialmente, não só ao longo do debate, mas também nas saudações iniciais, as ocorrências de “nome próprio” (65) e “nome próprio + patronímico” (66). Por vezes, há diferentes FT usadas pelo mesmo debatemte em relação ao mesmo moderador ((67)), o que nos leva a ponderar sobre possíveis diferenças nos graus de formalidade atribuídos por cada debatemte em cada um dos debates e, por consequência, à dificuldade de uma atribuição uniforme e imaculada ao género.

65. RR: Sim senhor, *Clara*, vou ser claro. (debate RR/AV)

AV: *João*, deixe-me só dizer isto que eu não vim debater consigo (...). (debate FRS/AV)

66. JO: Ó *Clara de Sousa*, a gente faz a discussão (...). (debate RR/JO)

JCF: A liberalização mais importante de todas, *Clara de Sousa*, que é (...) (debate RR/JCF)

67. JCF: Muito boa tarde, *Rosa Oliveira Pinto*. (debate JCF/ISR)

JCF: Boa noite, *Rosa*. (debate CM/JCF)

Nos casos de alocação numa posição sintática que não de vocativo, as FT concretizam-se nas fórmulas “artigo definido + nome próprio + patronímico” ou “nome próprio”.

68. (dirigindo-se a ROP)

CM: *A Rosa* vai-me desculpar, mas (...). (debate CM/AV)

(dirigindo-se a JAF)

AV: Antes de mais, *João*, deixe-me dizer o seguinte: acho que ficou claro que o João Cotrim Figueiredo não sabe o que é que o seu programa propõe – o *João* perguntou-lhe três vezes sobre a prisão preventiva e o João não conseguiu responder. (debate AV/JCF)³⁴

Uso delocutivo

Delocutivamente, os debatemtes referem-se aos moderadores, mantendo as FT nominais já referidas, como exemplificam as ocorrências em (69).

³⁴ Este exemplo (o João ... o João – dois referentes diferentes) demonstra bem como com estruturas tipicamente delocutivas a diferenciação entre alocação e delocução só pode ser entendida no contexto de comunicação.

69. (dirigindo-se a AC)

ISR: Já lá chegaremos, já lá chegaremos, que prometi à *Sara* que era breve.

(debate AC/ISR)

(dirigindo-se a RT)

RR: Foi isso que o *João Adelino Faria* disse que viu e eu vi também.

(debate RR/RT)

Uso delocutivo/alocutivo

As dúvidas sobre a direção das produções dos locutores não são recorrentes, embora haja construções que, pela sua natureza tipicamente delocutiva, suscitem alguma indefinição (70):

70. (dirigindo-se a SP? / a AC?)

JCF: No sistema que temos – e a *Sara Pinto* perguntou muito bem (...)

(debate AC/FRS)

FT Pronominais

Uso alocutivo

Contrariamente ao que vimos, não há, neste caso específico, *tu*, nem *você*, nem *o senhor/a senhora*. Logicamente, por se tratar de um interlocutor singular – e sem representação de grupo, como no caso dos políticos presentes – não há também produções de 2PP *vs* 3PP. Relativamente a *si*, sucede o mesmo. Contudo, em relação a *consigo* deixamos duas notas. Uma, sobre a produção (71), na qual o locutor, tentado manter a palavra, responde à insistência do moderador com um “não vim debater *consigo*”, preterindo a fórmula tipicamente delocutiva *com o João*. A segunda nota, sobre a ocorrência (72), na qual é preferida a construção *com a Rosa*, menos formal do que “preposição + nome próprio + patronímico”.

71. (dirigindo-se a JPM)

AV: João, deixe-me só dizer isto que eu não vim debater *consigo* (...). (debate FRS/AV)

72. (dirigindo-se a ROP)

RT: Pelo contrário, eu chamo-os. E, aliás, aqui mesmo, com a *Rosa*, eu (...)

(debate IR/RT)

Considerações finais

Relativamente às produções dos moderadores, salientamos: inexistência de produções com recurso a “título académico”; existência de produções da FT *vocês* (embora apenas por um dos moderadores; possibilidade de leitura idiossincrática); produção de fórmulas tipicamente delocutivas como possivelmente alocutivas (ambiguidade por vezes desfeita com recurso à percepção da direção do olhar); produção de pronominalizações com recurso aos pronomes “ele/ela” e “o/a”; produção frequente de FT verbais e variação de produções consoante o interlocutor e consoante o momento do debate (a analisar caso a caso procurando leituras pragmáticas consistentes e até, possivelmente, padrões idiossincráticos). As produções de “nome próprio + patronímico”, em contraste com a tradicional fórmula “título académico + nome próprio + patronímico”, surgem em linha com o que é apontado, por exemplo, em Gouveia (2008), que refere que as mudanças sociais são bem visíveis na mudança das FT usadas pelos falantes. Parece-nos que a sociedade mais igualitária, o maior número de indivíduos com formação superior no país (ou seja, mais doutores, mais engenheiros), levam a que a formalidade de determinados contextos se veja atenuada ou diminuída na percepção dos intervenientes. Sobre as construções tipicamente delocutivas em contexto de alocução, equacionamos que possam estar a funcionar como um reajuste da cortesia “perdida” pelo uso de FT menos formais, um reajuste na proteção das faces através da indireção do enunciado. Se, por um lado, a formalidade deste contexto se vê afetada com a não produção, por exemplo por parte dos moderadores, de construções com “título académico + nome próprio + patronímico” (como resultado das mudanças sociais, maior igualdade social, etc, como vimos), por outro entendemos que se recupera alguma cortesia pela indireção presente nestas construções tipicamente delocutivas. Notamos, contudo, que num mesmo debate, por parte do mesmo locutor, há construções tipicamente delocutivas e pronominalizações (menos formais), o que nos leva a ponderar sobre se essa FT tipicamente delocutiva não está, antes, a ser simplesmente usada como resposta a uma dificuldade do falante em escolher uma FT indubitavelmente alocutiva (*você* disse X ou *o/a senhor(a)* disse X) que possa ser “adequada”.

No que toca às produções dos debatentes em direção aos seus opositores, consideramos que o mais importante a registar é: produção de FT pronominais de 2PS; produção de *você* e *vocês*; produção de formas tipicamente delocutivas como construções em possível alocução (criação de ambiguidade consequente, com leituras pragmáticas a ponderar, produções como resultado de uma tentativa de recuperação de alguma formalidade “perdida” na inexistência de FT com “título académico” e/ou dificuldade na escolha de uma FT alocutiva que possa, como vimos atrás, ser “adequada”); produção de pronominalizações com recurso aos pronomes “ele/ela”, produção de FT verbais (o uso de sujeito nulo em PE, como FT, parece-nos notoriamente solidificado, porque entendido como produtivo, pelas razões apontadas, desde

logo, por Carreira (2004)) e grande variação das produções conforme o interlocutor e consoante o momento do debate. Cremos que para a referida variação, além dos diferentes intuitos pragmáticos, contribui não só a própria estruturação dos debates aqui analisados (debates curtos e ocorridos quase diariamente/de dois em dois dias – características que, em nosso entender, aumentam o nível de espontaneidade das intervenções) como o facto de alguns dos intervenientes terem por hábito debater noutras circunstâncias (por exemplo, o tratamento *senhor primeiro-ministro/ senhor(a) deputado(a)*). Além de tudo isto, não podemos deixar de sublinhar a existência – embora apenas em relação a determinados locutores – de insultos claros (ataques *ad hominem*) ao opositor, pouco representativos de um ambiente de interação respeitosa, como, tradicionalmente, se espera num confronto de líderes partidários. Parece-nos que estes dados surgem igualmente como resultado de mudanças na sociedade portuguesa, que, além de indubitavelmente ter mudado nos últimos anos, e de essas mudanças, em nosso entender e em linha com vários autores, terem potenciado o surgimento de FT de, por exemplo, 2PS e da forma *você* (com aceitação dúbia), vive atualmente num ambiente mais extremado (cf. Seara & Manole, 2016).

No que diz respeito às produções dos debatentes em relação aos moderadores, registamos, essencialmente, a existência de variação (produções de “nome próprio + patronímico” e “nome próprio”) em relação não só a diferentes moderadores como num mesmo debate.

Além do referido acima, entendemos, ainda, que, numa perspetiva mais global, são relevantes mais dois apontamentos. Um: que os dados mostram que não só pode não haver reciprocidade no tratamento entre debatentes (o que, tradicionalmente, dada a situação mais formal, seria esperado) como o tratamento menos formal não é por si só uma garantia de aproximação sociopolítica dos locutores, já que temos locutores de partidos ideologicamente distanciados que se interpelam na 2PS. Dois: que, de certa forma, parece observar-se uma presidencialização (cf. Marques, 2017) das legislativas, embora notemos que esse processo não é total nem alheio ao partido/líder em questão, já que, em alguns casos, o foco e a atribuição de responsabilidades se fazem em direção a uma pessoa e noutros em direção ao partido, permitindo-se, com esta disparidade, um jogo argumentativo mais eficaz, por possibilitar a geração de ataques argumentativos de força variável e, com certeza intencionalmente, ajustável.

Referências

- AGUIAR, Joana; PAIVA, Maria da Conceição. Vocês tenham cuidado, sois educadas para isso. Second person pronouns in Braga speech. In: BARBOSA, Pilar; PAIVA, Maria da Conceição; RODRIGUES, Celeste. *Studies on variation in Portuguese*. Amsterdam: John Benjamins, 2017. p. 136-152.
- BAZENGA, Aline. *Formas de tratamento de segunda pessoa do singular em português: representações e crenças de falantes madeirenses*, 2021. https://www.researchgate.net/publication/356475154_Formas_de_tratamento_de_segunda_pessoa_do_singular_em_portugues_representacoes_e_crenças_de_falantes_madeirenses
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Formas de tratamento e estruturas sociais. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 18-19, p. 339–381, 1972.
- BRAUN, Friederike. *Terms of Address. Problems of patterns and usage in various languages and cultures*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988.
- BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela. Tipologia e distribuição das expressões nominais. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. (ed.) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003. p. 795-867.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, Thomas A. (ed.), *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253–276.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. Universals in language usage: politeness phenomena. In: GOODY, Esther. *Questions and Politeness. Strategies in Social Interaction*. Cambridge: CUP, 1978.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness – some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CARREIRA, Maria Helena Araújo. *Modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais*. Louvain Paris: Peeters, 1997.
- CARREIRA, Maria Helena Araújo. La designation de l'autre en portugais européen: instabilités linguistiques et variations discursives. *Instabilités linguistiques dans les langues romanes. Travaux et Documents*, v. 16, p. 173-184, 2002.
- CARREIRA, Maria Helena Araújo. Les formes d'allocation du portugais européen: valeurs et fonctionnements discursifs. In: ANAIS [...]. Coloquio Pronombres de Segunda Persona y Formas de Tratamiento en las Lenguas de Europa. Plenary talk. Paris: Instituto Cervantes de Paris, 2003. p. 35-45, 2004.
- CARREIRA, Maria Helena Araújo (ed.). *Mignonne, allons voir si la rose... Termes d'adresse et modalités énonciatives dans les langues romanes*. Paris: Université Paris 8, 2008 [Travaux et Documents, n. 40].
- CARREIRA, Maria Helena Araújo. Cortesia e proxémica: abordagem semântico-pragmática. In: SEARA, Isabel Roboredo. (cord.) *Cortesia: olhares e (re)invenções*. Lisboa: Chiado Editora, 2014. p. 27-46.
- CHARADEAU, Patrick. O discurso propagandista: uma tipologia. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato (org.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. v. III. p. 57-70.

CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Sobre «formas de tratamento» na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

COOK, Manuela. Formas de tratamento do português actual – uma perspectiva sociolinguística. *Journal of the Association for Contemporary Iberian Studies*, v. 7, n. 2, p. 47-52, 1994.

COOK, Manuela. Uma Teoria de Interpretação das Formas de Tratamento na Língua Portuguesa. *Hispania*, v. 80, n. 3, p. 451-464, 1997.

DUARTE, Isabel Margarida. Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna. In: BRITO, Maria Aldina (org.). *Gramática: história, teorias, aplicações*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2010. p. 133-146.

DUARTE, Isabel Margarida. Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 28, p. 84-101, 2011.

DUARTE, Isabel Margarida; MARQUES, Maria Aldina. Referring to discourse participants in European Portuguese: The form of address o senhor. In: POSIO, Pekka; HERBECK, P. (ed.). *Referring to discourse participants in Ibero-Romance languages*. Berlin: Language Science Press, 2023. p. 273-306.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. *LaborHistórico*, v. 3, n. 2, p. 114–132, 2017.

GOFFMAN, Erving. On face-work. An analysis of ritual elements in social interaction. *Psychiatry*, v. 18, p. 213-231, 1955.

GONZÁLEZ MELÓN, Eva. *Uso y función de los marcadores del discurso en el discurso argumentativo oral: desde la tertulia hacia el debate político televisivo*. Tesis doctoral. – Léon, Universidad de Léon, 2013.

GOUVEIA, Carlos. As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em Português Europeu. In: DUARTE, Isabel Margarida; OLIVEIRA, Fátima; FIGUEIREDO, Olívia (ed.) *O fascínio da Linguagem*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008. p. 91-100.

GUILHERME, Ana; BERMEJO, Víctor Lara. Quão cortês é você? O pronome de tratamento você em Português Europeu. *LaborHistórico*, v. 1, n. 2, p. 167-180, 2016.

HAMMERMÜELLER, Gunther. *Adresser ou éviter, c'est la question...* Comment s'adresser à quelqu'un en portugais sans avoir recours à un pronom ou à une autre forme équivalente. Centro Virtual Cervantes, 2004. https://cvc.cervantes.es/lengua/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_hammermueller.pdf.

HAMMERMÜELLER, Gunther. Retracing the historical evolution of the Portuguese address pronoun você using synchronic variationist data. HUMMEL, Martin; LOPES, Célia dos Santos (ed.) *Address in Portuguese and Spanish -Studies in Diachrony and Diachronic Reconstruction*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2020.

HUMMEL, Martin. *Diachronic research on address in Portuguese and Spanish*. Berlin: De Gruyter, 2020.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Variations culturelles et universaux dans le fonctionnement de la politesse linguistique. In: LUZZATTI, D et al. (Eds). In: ANAIS [...] Colloque international sur les formes philosophiques, linguistiques, littéraires, et cognitives du dialogue. Peter Lang, 1997. p. 151-160.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Polidez e impolidez nos debates políticos televisivos: o caso dos debates entre dois turnos dos presidentes franceses. *In: SEARA, Isabel Roboredo. Cortesia: olhares e (re)invenções*. Lisboa: Chiado Editora, 2014.

LARA-BERMEJO, Víctor. *Forms of address in the south-western Sprachbund of the Iberian Peninsula: One hundred years of evolution in western Andalusian Spanish and European Portuguese*. Berlim: De Gruyter, 2020.

LARA-BERMEJO, Víctor. Cortesía y pronombres de tratamiento en la Península Ibérica (1700-1950). *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, v. 38, p. 7-9, 2021.

LOBO, Maria. Sujeito nulo: sintaxe e interpretação. *In: RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al. (ed.). Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 2309-2335.

LOPES, Ana Cristina Macário. *Pragmática: uma introdução*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

MANOLE, Veronica. *O Debate Parlamentar em Português (Portugal, Brasil) e Romeno: análise pragmático-discursiva*. Cluj-Napoca: Casa Cărții de Știință, 2020.

MANOLE, Veronica. As Formas de Tratamento na abordagem multissistémica: um novo modelo teórico de análise. *Studia Ubb Philologia*, v. LXVI, n. 4, p. 81-94, 2021.

MARQUES, Maria Aldina. Quando a cortesia é agressiva. Expressão de cortesia e imagem do outro. *In: DUARTE, Isabel Margarida; OLIVEIRA, Fátima; FIGUEIREDO, Olívia (ed.) O fascínio da Linguagem*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008. p. 277-296.

MARQUES, Maria Aldina. Cortesia, Formas de Tratamento e Géneros discursivos – condições de ocorrência e de uso. *In: SEARA, Isabel Roboredo. Cortesia: Olhares e (re)invenções*. Lisboa: Chiado Editora, 2014a. p. 145-172.

MARQUES, Maria Aldina. Formas de tratamento em Português e discurso televisivo: usos de você. *In: ANDREEVA, Yana (org.) Horizontes do Saber Filológico*. Sófia: Editora Universitária Sveti Kliment Ohridski, 2014b. p. 62-73.

MARQUES, Maria Aldina. Debate eleitoral português: presidencialização e estratégias de atenuação linguística em situação de confronto político. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 9-33, 2017.

MARQUILHAS, Rita. Fenómenos de mudança linguística na história do português. *In: RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al. (ed.) Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v. I. p. 17-44.

MEDEIROS, Sandi Michele. Um modelo psico-sociolinguístico de formas de tratamento. *In: Atas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 330-342, 1993.

NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar. Formas de Tratamento *In: Raposo, Eduardo Buzaglo Paiva et al. Gramática do Português*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2013. p. 2701-2730.

NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar; MENDES, Amália; DUARTE, Maria Eugénia Lamoglia. Sobre formas de tratamento no português europeu e brasileiro. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 245-262, 2018.

OLIVEIRA, Sândi Michele de. Reflexões sobre poder e solidariedade. In: *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1995. p. 407-418.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva. Pronomes. In: RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva *et al.* (ed.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 883-918.

SEARA, Isabel Roboredo; MANOLE, Veronica. Insult and the construction of the other's identity: Remarks on Portuguese political discourse. *Revue Roumaine de Linguistique*, v. 61, p. 301-318, 2016.